

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοπέδιον ἔστω τοῖς ποσσὶν ἵππων
καὶ τῶν ἀνθρώπων ἵππων
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

ROGÉRIO SOUSA, *Iniciação e Mistério no Antigo Egito. O caminho de transformação do coração*, Lisboa: Ésquilo, 2009, 286 pp., ISBN 978-989-8092-56-4

A bibliografia egiptológica portuguesa tem-se enriquecido nos últimos anos com bons estudos que têm proporcionado aos leitores um vantajoso e aliciante conhecimento de vários aspectos relacionados com a civilização do antigo Egito. Esta edição é mais um desses contributos, tendo o seu autor produzido neste volume bem paginado e bem ilustrado (e com atraente capa) uma adaptação da sua tese de doutoramento.

O egiptólogo Rogério Sousa, docente do Instituto Universitário de Ciências da Saúde, no Porto, e investigador do CITCEM da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, agora em estudos de pós-doutoramento na Alemanha como bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, depois de um período de pesquisa no Egito (onde não escava, mas onde recolhe com afincos elementos para o seu trabalho de investigação), oferece-nos nesta obra matéria para proveitosa reflexão.

E logo na introdução fica o leitor elucidado: «O objectivo deste livro consiste, em primeiro lugar, em clarificar os conceitos em torno dos quais gravita o nosso trabalho. É que, por detrás de termos como “iniciação” e “mistério” que, com demasiada frequência, são mal utilizados, ocultam-se noções egípcias muito precisas que é forçoso compreender. Uma vez clarificados os conceitos, este livro pretende contribuir para ampliar a compreensão do tema, mostrando como o ideal da transformação espiritual subjacente à iniciação se encontrava disseminado por toda a literatura e espiritualidade do antigo Egito, em graus de profundidade muito variáveis, desde os textos sapienciais, aos textos de cariz mágico que visavam facilitar a iniciação do defunto ao mundo da Duat.» – E aqui está como o leitor, munido com esta séria e exordial advertência, fica a saber o que o espera nas páginas que irá fruir e que o «iniciarão» na temática aqui tratada.

Depois da nota prévia e da introdução (pp. 11-14), surge o capítulo 1 compulsando as referências à iniciação egípcia nas fontes clássicas (pp.

15-28), com um destaque final para o uso sacramental da água presente no culto helenístico de Ísis (como já o era na tradição ritual canópica do culto de Osíris), e para o nascimento espiritual.

O capítulo seguinte trata da simbólica e do ritual (pp. 29-108), com as conotações religiosas do termo *besi*, a iniciação e o contacto com o sagrado, os efeitos fundamentais da iniciação com a iluminação, aqui com a ênfase do conhecimento (*rekh*) e a transformação espiritual, realçando a precípua iniciação real ao perscrutar os seus eixos de contacto com o sagrado: o templo, o ritual e o texto escrito (e neste caso vem bem a propósito a análise do famoso *Conto dos Dois Irmãos*, visto como um relato metafórico da iniciação real). Segue-se a iniciação sacerdotal com o ritual de «introdução» do sacerdote e um excuro sobre as origens da moral individual.

No capítulo 3 evoca-se a importante iniciação templária (pp. 109-132), sopesando-se os elementos simbólicos do templo egípcio, visto como um caminho de iniciação, onde desempenhavam papel de relevo as provas iniciáticas que tinham o seu fulcral ponto de partida de empolgante percurso nas portas com os seus ferrolhos.

O capítulo 4 sublinha a importância do templo interior, estabelecendo interpelantes comparações com a iniciação interior a que o homem podia aspirar, e realçando o valor dos dois corações do homem (o *hati* e o *ib*) para se apreciar a consciência e o dualismo dos termos «cardíacos». Por outro lado, a transformação do coração, que era um pré-requisito para auferir a iniciação, implicava uma vivência escorada no exercício quotidiano da *maet* para diferenciar o homem justo do homem ímpio – daí a definição antitética entre os modelos de boa conduta e os modelos de má conduta, expressões dicotómicas do combate cósmico que se travava no coração do homem (pp. 133-176).

O último capítulo trata da morte e mistério, com a preparação do cadáver, avultando aqui as fases de mumificação, embalsamamento e colocação dentro do sarcófago, depois a apreciação da morte como isolamento social e a morte como inimigo. Após o cumprimento da cerimónia da abertura da boca (*uep-rá*) encetava-se o périplo solar onde avultava a lustração como ponto de partida da «saída para o dia» (*peret em heru*) ingressando o candidato à eternidade na barca de Ré – mas essa saída implicava passar pelo divino tribunal de Osíris e Maet onde tinha lugar o decisivo momento que era o julgamento do defunto para aí ser declarado «justo de voz» ou justificado (*maé-kheru*) após a «declaração de inocência» com a «confissão negativa» do capítulo 125. para então se iniciar o percurso no templo da Duat (pp. 177-220).

Na conclusão (pp. 221-238) evidenciam-se os pilares da iniciação egípcia: mente, mito e mistério. Aqui se sublinha a literatura exotérica e a propagação da ética inerente à iniciação, o modelo mítico da iniciação, o mistério e o esoterismo iniciático, as conotações simbólicas da iniciação, para, enfim, se poder concluir que «o estudo da iniciação, enquanto processo que envolvia a transformação da consciência através de uma “dilatação da mente”, torna clara a profunda afinidade que no antigo Egito se estabelecia entre a natureza do corpo, da mente e do próprio cosmos» (p. 232).

A obra remata com os apêndices (pp. 239-256) e a bibliografia (pp. 257-278), com a lista das abreviaturas utilizadas (p. 279). Conclui com uma cronologia que vai da Época Pré-dinástica à Época Greco-romana (p. 281) e um mapa do Egito (p. 282, não numerada), as quais, salvo melhor opinião, deveriam ir no início do livro para desde logo servir de ponto de apoio temporal e espacial para os leitores. Algumas páginas em branco no final do volume permitem sugerir que a editora podia ter incluído aqui um útil índice remissivo.

Tirando pequenas imprecisões onomásticas, como a redacção de Horsiesi (p. 96) em vez do mais congruente Horsaisit (p. 97), ou Bakhenkhonsu em vez de Bakenkhonsu (p. 95), nota-se que o Autor entende os nomes egípcios que apresenta, redigindo-os de forma correcta porque conhece o seu significado – de facto, convém conhecer bem os nomes na sua forma original egípcia para os apreender e depois verter em transcrição legível e compreensível. É assim que um nome aparentemente complexo como Djedbastetiuefankh (p. 101) se torna claro na sua enfatização semântica tipicamente egípcia: «Bastet diz que ele vive». No que toca à correcção dos nomes apenas se elucida que a estação do ano que abria logo com a desejada inundação nilótica (em meados de Julho) era a de Akhet e não a de Chemu (p. 95).

É ainda de louvar a clareza posta na tradução para português e na interpretação de passagens de conhecidos textos egípcios, como é o caso do complexo «Livro dos Mortos», a começar pelo seu capítulo 125, a chamada «declaração de inocência», que aqui surge em boa e compreensível versão, tal como outros capítulos deste premente vademecum para o Além, que contrastam positivamente com versões deploráveis em português do «Livro dos Mortos» que por aí existem.

Registe-se por fim o benefício da copiosa selecção bibliográfica sobre o tema tratado neste volume, onde se detecta a presença de vários autores portugueses que ultimamente têm publicado os seus trabalhos na área da egiptologia, mostrando que não se trata de um ínvio amon-

toado de nomes e títulos mas sim um elenco de uma apreciável clareza sem esconsas criptografias. Lá constam as gramáticas e os dicionários consultados, as fontes utilizadas, a bibliografia específica e a bibliografia geral – para grande vantagem dos leitores que queiram continuar a saber mais sobre esta temática.

O Autor pretendia, em suma, e entre outros intentos, «dar um vigoroso estímulo aos estudos de antropologia cultural e da própria egiptologia neste domínio» (p. 14), até porque com a identificação do modelo egípcio de explicação da mente descortina-se bem o processo utilizado para aceder a um mundo superior e luminoso – e esse auspicioso desiderato conseguia-se através da iniciação, aqui nesta obra bem explicitada. Há muitos séculos, no antigo Egipto, os neófitos experimentavam esse sublime passo rumo à transformação que desejavam, e hoje os leitores, a começar pelos estudantes universitários que se debruçam sobre temas de história e cultura pré-clássica nos seus cursos, colhem neste fecundo texto bons ensinamentos que os ajudarão a compreender melhor a mentalidade dos letrados egípcios.

Luís Manuel de Araújo

EMILY TEETER e JANET H. JOHNSON, *The Life of Meresamun. A Temple Singer in Ancient Egypt*, Chicago: The University of Chicago, Oriental Institute, 2009, 136 pp., profusamente ilustrado, ISBN 978-1-885923-60-8

Este bem paginado volume é dedicado a uma cantora de Amon que viveu na região tebana, a antiga Uaset, durante a XXI dinastia (século XI a. C.), chamada Meresamon, cujo nome aparece redigido em escrita hieroglífica com a forma típica que se foi impondo na XXI dinastia. O sarcófago e a múmia de Meresamon («Amon ama-a») foram o núcleo expositivo de uma mostra de objectos pertencentes ao Museu do Instituto Oriental da Universidade de Chicago organizada em 2009. A exposição, baseada no estudo da múmia e do sarcófago de Meresamon, permitiu evocar o Egipto do Terceiro Período Intermediário e a função das cantoras ao serviço de Amon e de outros deuses.

O estudo realizado sobre o sarcófago e a múmia nele contida, bem como o volume daí resultante, tiveram o apoio da empresa Philips, numa mecenática iniciativa que teve no nosso país o seu equivalente na generosa atitude da Siemens em relação à análise radiológica feita às múmias humanas do Museu Nacional de Arqueologia, que foram estudadas na